

JOSE LINS

RUBEM BRAGA

1232

Vamos escoltando José Lins do Rêgo até a sua Paraíba natal; estamos nesta casa imensa do Engenho "Corredor", onde êle nasceu, onde ainda passeia a sombra de seu avô José Paulino. Depois almoçamos no engenho "Itapuá" e quem faz esta grande buxada, êsses intermináveis pratos de carniro, porco, perú, quem arruma na mesa as grandes frutas, quem serve os doces da terra é a negra Salomé, que ia com êle para a escola no Pilar. Quem os levava no mesmo cavalo era o pai de Salomé e do Moleque Ricardo, Zé Ludovico, e a negra conta: "Dedé ia na frente, meu pai no meio e eu de garupa". Agora Dedé tem 50 anos: há quase vinte que o conheço, e perece uma pescaria em Caranguatutuba e ilha de S. Sebastião, velho sonho marítimo, para vir aqui, até êste canto de várzea do Paraíba do Norte, ouvir discursos junto ao seu busto, sob o sol tremendo.

Ele lembra que Vitorino Papa Rabo protestaria contra essa festa. Personagens seus estão aqui, na cidade e nos engenhos, em pessoa; e por toda parte, a sombra dos outros, que já morreram mas que a gente sente vivos, atravessando o curral, entrando na casa de purgar, chamando alguém na

casa de farinha. Mas não lhes presto muita atenção: no fundo nenhum deles existe, o personagem único é José Lins do Rêgo. Ele está alegre, mas com um ar bem comportado, numa espécie de felicidade tímida.

As festas daqui e de João Pessoa, todas as homenagens e discursos, toda a consagração de sua obra, não é nada disso que lhe dá êsse ar. Já o vi assim jantando com êle em sua casa perto da Lagoa — com a mulher e três filhas na mesa. E' esse ambiente, de família, de ternura feminina que adoça e faz feliz o homem de alegrias bruscas, de rompantes sem razão e de melancolias nervosas. Em sua casa, como aqui, embalado pelas ternuras mansas, êle recupera a mãe que perdeu logo depois de nascer.

Da varanda da casa grande vejo o telhado negro do engenho; converso com moleques que vão para debaixo da gameleira comer seus pratos. O que de longe, para quem lê sua obra, é pitoresco, aqui é apenas humano: nenhum escritor do Brasil é mais simples e legítimo do que êsse que fez de sua infância um mundo de sonhos para todos nós.

20/2/52